

PRAÇA CINCO DE JULHO

Lei nº 2325 de 27-06-1961

Formada pela praça sem denominação do Cambuí

Situada entre as ruas Diogo Prado, Coronel Quirino, dos Alecrins e avenida Orosimbo Maia

Cambuí

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cury.

CINCO DE JULHO

O 5 de Julho assinala duas páginas épicas da história do Brasil: as revoluções democráticas de 1922 e 1924. São dois gloriosos marcos. Antes dos dois 5 de Julhos, o Brasil vivia sob o domínio da aristocracia agrícola, subordinado aos mandos e desmandos dos coronéis, com o povo pisado e humilhado pelos governantes, campeando infrene o roubo, a corrupção, a injustiça. Uma sórdida oligarquia dominava a Nação. Depois passou a haver inquietude pelos problemas, interesse pelas coisas do país, renovação, trabalho. Em 1922, a revolta no Forte de Copacabana, no Rio, com Siqueira Campos, Newton Prado, Mário Carpenter e outros. O movimento dos 18 do Forte despertou a Nação. Em 1924, em São Paulo, novamente ribombaram os canhões para afirmar estar viva a chama lançada em 1922. E como chefes dessa revolução, as figuras dignas de Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa e Joaquim Távora. Neste revolução, Campinas teve importante participação, salientando-se o trabalho do digno e culto jornalista Gumercindo de Campos, que foi oficial de gabinete do General Isidoro. Em Campinas, Alvaro Ribeiro, Tasso de Magalhães e seu irmão Pedro de Magalhães Junior, Antonio Ferreira Cezarino Junior, Remo Roseli, Jaime Rocha sustentaram o facho da revolução na cidade. Muitos outros participaram ativamente: Mário Barbosa de Oliveira, Augusto Lauer, Marino Mezzalira, Ary Rodriguez, Clovis Teixeira, Anibal Vilani, Reynaldo Hussemann, José Langone, João Ganzarolli e tantos outros. Após 28 dias, a retirada dos revolucionários até o Paraná, onde a luta continuou em Belarmino, Formiga e Catanduvas. Desse grupo resultou a formação da famosa "Coluna Prestes" com gauchos e paulistas, que percorreu quase todo o país, constituindo-se num dos mais belos capítulos da história da gente brasileira. Este 5 de Julho de 24 abriu o caminho para reformas e provocou o movimento de 1930, com Vargas realizando um governo em prol dos brasileiros, em benefício dos trabalhadores e pondo fim a demagogia dos ricos contra a pobreza na politicalha até então vigente.

PRAÇA CINCO DE JULHO



LEI N.º 2525, DE 27 DE JUNHO DE 1961
DA O NOME DE CINCO DE JULHO A UMA PRAÇA
DA CIDADE

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Cinco de Julho, a praça localizada entre as ruas Diogo Prado, Coronel Quirino, Alecrins e Avenida Orozimbo Maia.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 27 de junho de 1961.

MIGUEL VICENTE CURY

PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 27 de junho de 1961.

Dr. PLÍNIO DO AMARAL

Respondendo pelo cargo de Diretor do Departamento do Expediente

Inauguração da Praça 5 de Julho

Inaugurou-se ontem, às 15 horas, no começo da rua dos Alecrins, no Bairro do Cambui, a Praça 5 de Julho, em homenagem às revoluções democráticas de 5 de Julho de 1922 a 1924.

Compareceram ao ato inúmeros companheiros que participaram da revolução paulista de 5 de Julho de 1924.

Na ocasião, o sr. Gumerindo de Campos, integrante também daquele movimento, pronunciou as seguintes palavras:

"Companheiros:
Não se trata de discurso. Vamos ter, apenas, um bate-papo à beira do fogo. O fogo, como vemos, é a placa que aí está indicando que houve um cinco de julho na História brasileira.

Antes dos dois 5 de julho (22 e 24) a nossa terra vivia em eterna pasmadeira. Era o "silêncio calmo", como dizia o sr. Washington Luís. O Brasil era uma taba; os governantes os caçiques. Os brasileiros eram pisados; os governantes, os pisadores. Uma oligarquia sórdida dominava a Nação. Questão social? — simples caso de polícia. Escolas, industrialização? — tudo bobagens na opinião dos governantes da época.

Havia raras exceções, mas tão raras...

Ora, isso não podia continuar. E assim surgiram os primeiros malucos pelo Brasil. No dia 5 de julho de 1922, no Rio de Janeiro, o Forte de Copacabana, como um relógio despertador, à uma hora da manhã, fez troar os canhões, a fim de acordar o povo para uma vida mais ativa em prol dos reais interesses do País.

A frente dos malucos patriotas do Forte estavam Antonio de Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Newton Prado, Mario Carpenter e outros.

O movimento dos Dezoito do Forte despertou a Nação. Aumentou o número dos aloucados.

Dois anos depois, a 5 de julho de 1924, em São Paulo, ribombaram novamente os canhões numa afirmativa do que o reinado da pasmadeira havia terminado no Brasil.

E como chefes de primeira plana, à frente da revolução, surgiram as figuras dignas e saudosas de Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa e Joaquim avora.

No Estado Maior, Alfredo de Simes, Enéas Junior, Henrique Ricardo Holl, Djalma Dutra e Mendes Teixeira prestaram inexcusável colaboração àqueles chefes.

Para evitar falsos não mencionamos os nomes de centenas de oficiais, soldados e paisanos que lutaram com bravura e capacidade em prol da grande causa.

Os manifestos revolucionários

frisavam: luta pela honestidade nos negócios públicos, isto é, contra a corrupção; contra a capacidade de arbítrio do Executivo, mais autonomia dos Estados, mais liberdade de crítica.

O movimento era, pois, de objetivo democrático, um movimento para "repúblicanizar a República".

Foi áspero o entreencontro entre as forças revolucionárias e governistas.

Durante 28 dias, na capital paulista, adversários dos dois campos trocaram "gentilezas" desabridas e violentas.

Depois veio a retirada até o Paraná, onde a peleja continuou em Belarmino, Formiga e Catanduvas.

Formou-se em seguida a "Coluna Prestes", com gaúchos e paulistas, a qual percorreu quase todo o País.

E os dois 5 de Julho, como etapas de uma mesma ação, deu origem à Revolução de Trinta.

Esse movimento, que contou com a participação de grande número de elementos de 5 de Julho, abriu caminho para reformas. Deu à Nação o voto secreto com eleições mais limpas; construiu Volta Redonda, Indústria de base, sonho dos tenentes de 5 de Julho; deu a legislação trabalhista, da assistência social; iniciou os estudos e debates sobre o petróleo, resultando a criação da Petrobrás.

O movimento de 30 impulsionou o País, mas lá muito que fazer ainda. Criou-se por exemplo, o Ministério do Trabalho que socorreu o homem da cidade, mas que se esqueceu do homem do campo, que continuava vivendo como pária.

O povo precisa, agora, fazer a revolução pelo voto, expulsando do poder os incapazes, os desonestos, os falsos líderes, os aventureiros, e escolhendo para cargos públicos os homens patriotas de valor moral e intelectual.

Felizmente o povo está evoluindo politicamente e já não está com as vistas voltadas somente para o futebol, compreende que o Brasil não é mais uma republiqueta e uma consciência nacionalista e democrática, consciência de progresso e justiça social. Ha desejos de uma

democracia autêntica, onde o homem não morra de fome como está acontecendo no Nordeste, onde o homem que trabalha seja tratado com dignidade e justiça, como homem que tem corpo e alma.

Como nação cristã que proclamamos ser, sejamos cristãos práticos e de verdade, e não cristãos teóricos, de mentira.

O movimento de 5 de Julho acordou o País.

E sob os influxos dos ideais de 5 de Julho o Brasil prosseguirá a caminhada evolutiva.

Agora falemos da terra campineira.

Campinas também aderiu com entusiasmo ao movimento de 5 de Julho.

Alvaro Ribeiro, Tasso de Magalhães e Pedro de Magalhães Junior, com a colaboração de Antonio Ferreira Cezariano Junior, Remo Rosoli, Jaime Rocha e sargento Aurelio Marciano Cruz, sustentaram o facho da revolução em Campinas.

Muitos filhos desta terra pegaram em armas em prol dos ideais revolucionários de 5 de Julho.

Dos que já partiram para a outra vida, evocamos com saudade as figuras de Mário Barbosa de Oliveira, Alvaro Ribeiro, Augusto Lauer, Marino Mezalira, Benedito Casiano do Amaral, Antonio Fernandes de Oliveira Camargo, Eliseu Gomes de Melo, João de Deus Martins, José Homel.

Dos vivos, na maioria artilheiros, há um grupo em Campinas que não entrega os pontos nem a pedido da polícia do Sete de Abril... Alguns, cujos nomes não mencionamos para evitar complicações domésticas, ainda olham "bestificados" para as mulheres bonitas... Fazem "grosso", fazem projetos para o futuro, discutem, brigam, como se fossem pimpolhos nascidos ontem. Não se lembram que já estão na casa dos sessentão. Sexagenários no duro...

São eles: Ari Rodriguez, Nelson Rolando da Silva Camargo, Clóvis Teixeira, Narciso Rodrigues, João Maria Coelho, Anibal Vilani, Gilberto Pereira Costa, Reinaldo Hussmann, Pedro Nogueira, Otávio Carvalho de Moraes, José Giovaneli, Paulo Gomes, José Langoni, João Ganzaroli, Luiz Pinto de Almeida, Ralfo Fortes do Carvalho.

A turma é de morte, enverga mas não quebra.

Companheiros: aí está a Praça 5 de Julho. Ela honra a cidade de Campinas. O seu nome representa um marco na história do Brasil.

Antes de 5 de Julho era a moleza, a pasmadeira, o império dos cornelões, dos morubixabas.

Depois do 5 de Julho, a renovação do trabalho, a inquietude pelos problemas do País, o desejo de fazer do Brasil uma nação independente forte e democrática.





A 5 de julho de 1924 São Paulo acordava sob o troar de canhões

AO amanhecer o dia 5 de julho de 1924, a população da capital paulista, que naquele tempo era de um milhão de habitantes, acordou em sobresalto. Em pleno coração da cidade troavam os canhões de sangrenta insurreição irrompida contra o governo constitucional do presidente Carlos de Campos.

Imediatamente, sob o comando dos generais Estanislau Pamplona, Carlos Silveira e do então coronel da Força Pública Pedro Dias de Campos, puseram-se em ação, para dominar o movimento, as forças legalistas equipadas com poderoso material belico. Mas os revolucionarios já se haviam instalado estrategicamente, graças à argucia e capacidade militar de um unico homem — o seu comandante-chefe — em posições vantajosas que lhes ofereciam a possibilidade de opor-lhes prolongada e renhida resistencia.

Isidoro

A revolução de 1924 não despertou entre a maioria dos paulistanos, logo ao eclodir, nenhuma demonstração de simpatia. Em crescente intensidade, porém, manifestou-se nos dias subsequentes, quando a velha Piratininga, sacudida pelos bombardeios, começou a conhecer melhor a personalidade do chefe do movimento, o general Isidoro Dias Lopes.

Ainda hoje os coevos recordam a verdadeira odisséia vivida pelos paulistanos há exatamente 37 anos. Colhida de surpresa, a população, principalmente a dos bairros mais expostos à artilharia, nos quais se travavam encarniçados combates, como Bom Retiro, Santa Ifigenia, Belenzinho, Brás, Penha, Cambuci, Ipiranga, Paraíso, Mooca, Aclimação, Avenida Paulista e Vila Mariana, iniciou a desesperada aventura: o exodo para o interior do Estado. Enfrentando perigos de toda a sorte, famílias inteiras se valiam dos mais variados meios para escapar. Muitos seguiam a pé pelas estradas, esperançosos de uma condução que de qualquer maneira os levasse às localidades nas quais tinham parentes ou amigos. E à estação da Luz, onde os soldados de Isidoro prestavam ajuda e proteção aos refugidos, constantemente afluiam pessoas aflitas à cata de um simbolo salvador em que pudessem embarcar para destinos muitas vezes incertos.

Retirada

Como conta Paulo Duarte em seu livro "Agora, Nós", foi ele, depois de muitos dias de resistencia dos revolucionarios, o portador de uma carta do general Abilio de Noreonha — prisioneiro dos Insurretos, o qual se propunha a negociar um armistício — encaminhada ao presidente Carlos de Campos, que seguiu para Guaiçuna, onde se encontrava ao lado do general Socrates, comandante das forças legalistas que já sitiavam a cidade. Após ouvir a negativa dos

chefes situacionistas, e declarando que a esperava, a 28 de julho, Isidoro, que transferira seu QG para a estação da Luz, determinou a retirada de suas tropas da capital, honrando assim o compromisso que assumira de evitar o prosseguimento do bombardeio.

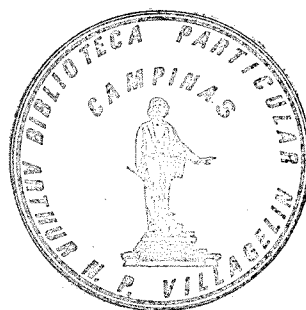
O general Isidoro Dias Lo-

Chefe



General Isidoro Dias Lopes

pes, que comandou então uma das mais igitentes retiradas pelo sertão, de São Paulo aos confins do Prata, entregando meses após seu comando a Miguel Costa e Luis Carlos Prestes, ressurgiu entretanto mais tarde, em 1930, quando da revolução da Aliança Liberal. Ocupou o comando da 2ª Região Militar, mas, sempre fiel a seus principios, constituiu-se, em 1932, num dos baluartes do Movimento Constitucionalista, de que foi o supremo chefe e coordenador. — CALIXTO GARCIA.



SÃO PAULO ACORDOU SOB TROAR DE CANHÕES A 5 DE JULHO DE 1924

Há 35 anos, precisamente, iniciava-se em nossa capital o movimento revolucionário chefiado pelo gen. Isidoro Dias Lopes — Combates encarniçados nos bairros, durante varios dias

Há 35 anos, no dia de hoje, São Paulo acordava sob o troar dos canhões, com o início do movimento revolucionário chefiado pelo gen. Isidoro Dias Lopes. O primeiro passo dado pelos revolucionários foi a prisão do gen. Abílio Noronha, comandante da Região Militar. Depois de quatro dias de combates nas ruas da cidade, as tropas legalistas evacuaam a parte urbana e suburbana e se concentram no bairro de Ipiranga. Cercoado, Sazonal sob o comando dos generais Estanislau Pamplona e Carlos Silva e do coronel da Força Expedicionária Pedro Dias de Campos.

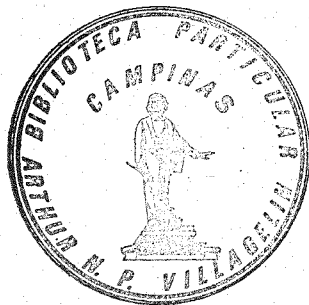
Os revolucionários ocupam a cidade no dia 9, as 16 horas, entregando no dia seguinte a sua proteção ao proprio prefeito Firmiano Esposito, após ouvir, em reunião, na casa de José Carlos de Almeida Soares, as classes conservadoras. São enviadas para o interior varias colunas rebeldes, que ocupam algumas cidades. Em varios municípios há deposição de autoridades. O prefeito éria, imediatamente, a Guarda Municipal e a Comarca de Abastecimento, que administram a capital.

O governo federal, chefiado por Artur Bernardes, age de maneira rápida e eficaz na operação de reconquista da capital. Depois de quinze dias de combates encarniçados em varios bairros, notadamente Bom Retiro, Belenzinho, Brás, Penna, Cambuci, Ipiranga, Paraiso, Mooca, Aclimação, Vila Mariana e imediações da av. Pau-

lista, os revolucionários iniciam, na noite de 27 para 28 de julho, habil retirada em direção ao sul, pela Estrada de Ferro Sorocabana. Reduzidos a uma coluna volante, sob as ordens de Luís Carlos Prestes, Miguel Costa, Siqueira Campos, João

Alberto, Juarez Távora, Djalma Dutra, Eduardo Gomes e outros, continuaram por mais de dois anos em armas, percorrendo todo o interior do Brasil.

Carlos de Campos é reconduzido imediatamente aos Campos Elíseos, iniciam-se processos e devassas, são presos militares e civis, inclusive Julio Mesquita e José Carlos de Almeida Soares. (Dados extraídos de "História da Civilização Paulista", de Aureliano Leite).



Idealistas de 5 de julho

Ruyrillo de Magalhães

Na próxima quinta-feira, 5 de julho, o Brasil estará comemorando duas datas da maior expressão histórica pelas profundas consequências sociais, jurídicas, econômicas e políticas, que ensejaram.

As duas efemérides se completam.

E, por isso mesmo, podemos nos referir a elas como o "primeiro 5 de julho" e o "segundo 5 de julho".

O "primeiro 5 de julho" recorda os "18 do Forte". Foi o 5 de julho de 1922, episódio do qual, acreditamos, seja um sobrevivente o venerando Marechal do Ar, Eduardo Gomes, na época, simples Tenente da então 5.ª arma do Exército, a Aviação Militar, mais tarde transformada em F.A.N. e, hoje, na gloriosa F.A.B.

O 5 de julho de 1922, foi página-símbolo do idealismo de uma pleiade de patriotas que inspirados pelo mais acendrado civismo, não titubearam em, decidida e corajosamente, enfrentar, nas alvas da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, forças mil vezes superiores, para, com o gesto histórico, tingindo de sangue o solo da Pátria, tentar sacudir a consciência nacional em prol do aperfeiçoamento do regime democrático dentro da racional nacionalismo.

O "segundo 5 de julho", ocorreu, em São Paulo, em 1924.

Fizemos pesquisas sobre esse movimento e conseguimos ler a Denúncia do Procurador Criminal da República, que assim narra o início da revolta de 1924: —

"Na manhã de 5 de julho do corrente ano, forças da guarnição desta Capital, aliadas a uma grande parte da Força Pública, sublevaram-se contra as autoridades constituídas".

E mais adiante continua:

"O conjunto dos documentos apreendidos pela Polícia e o estudo das circunstâncias de que se revestiu a ação delituosa revelam que a irrupção desse movimento foi obra de uma longa, ativa e tenaz propaganda".

"Chefiada por oficiais do Exército envolvidos na rebelião de 1922 e por alguns oficiais da Força Pública do Estado de parceria com elementos civis e reformados do Exército".

E de se salientar, no entanto, que os envolvidos nesse movimento revolucionário (— militares, policiais e civis —), cuja chefia coube ao General Isidoro Dias Lopes, estavam embuidos do mais puro idealismo patriótico. Queriam, com o sacrifício de suas próprias vidas, oferecer ao país um regime realmente nacionalista e democrático.

Foram derrotadas pelas armas após darem exemplos dignificantes de coragem, de destemor impar, de atitudes singulares, de civismo inigualável.

Mas, o ideal de renovação das instituições republicanas, iria afinal, em outubro de 1930, vencer.

Em Campinas, a Revolução de 1924, a Revolução Romântica, como a chamamos em livro que estamos a escrever, teve profunda repercussão.

Formou-se, aqui, um Governo Revolucionário. O vereador Alvaro Ribeiro foi o Chefe desse Governo Provisório, tendo o advogado Pedro de Magalhães Júnior como Delegado Regional de Polícia, exercendo o jornalista Tasso de Magalhães, o cargo de Secretário do Governo.

Lê-se, na Denúncia do Procurador Criminal da República, já citada, que, além de Alvaro Ribeiro, Pedro de Magalhães Júnior e Tasso de Magalhães, foram denunciados os campineiros, Alberto Muller Pinto e Antonio Ferreira Júnior, este, hoje, Lente aposentado da Direção Social da USP, e, então, jovem aluno do Ginásio do Estado, desta cidade, como co-autores da Revolução do General Isidoro.

Tomaram, também, parte na Revolução, entre outros elementos de Campinas, Gumerindo de Campos, Nelson Ricardo S. Ferreira, Ary Rodrigues, Clóvis Teixeira, sendo certo que, posteriormente, Gumerindo de Campos, promovido a Tenente da Revolução, foi Secretário do General Isidoro Dias Lopes, em Foz do Iguaçu.

De notar-se, que o Dr. Angelo Mendes Correia, hoje Diretor Aposentado da Secretaria da Fazenda e há muito radicado em Campinas, lutou, também, nas trincheiras da Revolução, como Capitão, vindo, após 1930, compor o Governo do Tenente João Alberto Lins de Barros, no meado Interventor Federal em São Paulo.

Este nosso querido "Diário do Povo", foi, em Campinas, o órgão oficial da Revolução de 1924.

Estampou, em suas páginas, conforme consta de nossos arquivos, muitas publicações sobre abastecimento de gêneros, fixação de preços, e assuntos militares. Transcreveu editais de convocação de reservista e uma enérgica intimação dirigida dos possuidores de armas ou munições para que as entregassem, na Delegacia Regional de Polícia, "dentro de 24 horas sob pena de severa punição".

O Centro Telefônico foi ocupado militarmente.

E, para defesa de Campinas, ameaçada pelas tropas fiéis ao Governo, comandadas pelo General Martins Pereira, o Delegado Regional de Polícia da Revolução, advogado Pedro de Magalhães Júnior, convocou voluntários e os atiradores do Tiro 176, guarnecendo os pontos estratégicos de Campinas.